

# O DEMÓNIO NA CIDADE BRANCA

ERIK LARSON

O DEMÓNIO  
NA CIDADE BRANCA

*Assassínio, Magia e Loucura  
na Feira Que Mudou a América*

Tradução de  
RAQUEL DUTRA LOPES



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2014

## A BORDO DO *OLYMPIC*

A data era 14 de abril de 1912, um dia sinistro da história marítima; como é óbvio, porém, o homem na suíte dos camarotes 63-65, do convés coberto C, ainda não o sabia. O que sabia era que lhe doía muito o pé, mais do que havia previsto. Ele tinha sessenta e cinco anos e tornara-se um homem volumoso. O cabelo ficara grisalho, o bigode quase branco, mas os olhos continuavam tão azuis como sempre tinham sido, até mais, neste momento, dada a proximidade do mar. O pé forçara-o a adiar a viagem e agora mantinha-o ancorado na suíte enquanto os outros passageiros de primeira classe, incluindo a esposa, faziam o que ele teria adorado fazer, que era explorar as áreas mais exóticas do navio. O homem adorava a opulência dos navios, tal como adorava os comboios da Pullman Palace e lareiras enormes, mas o problema que tinha no pé refreava-lhe o interesse. Ele admitia que a doença sistémica que o causava era, em parte, consequência de se ter recusado ao longo dos anos a limitar a corte que fazia aos melhores vinhos, alimentos e charutos. A dor recordava-o diariamente de que o seu tempo no planeta se aproximava do fim. Mesmo antes da viagem, disse a um amigo: «Prolongar a vida de um homem não me interessa, se ele já cumpriu o seu propósito e o cumpriu bastante bem.»

O homem era Daniel Hudson Burnham e, por esta altura, o seu nome era reconhecido por todo o mundo. Era arquiteto e o propósito que cumprira bastante bem revia-se em obras em Chicago, Nova Iorque, Washington, São Francisco, Manila e muitas outras cidades. Ele e a esposa, Margaret, estavam a viajar para a Europa, acompanhados

pela filha e pelo marido desta, onde fariam um *grand tour* que prosseguiria pelo verão afora. Burnham escolhera este navio, o R.M.S. *Olympic* da Companhia White Star Line, por ser novo, glamoroso e grande. Na altura em que marcara a passagem, o *Olympic* era a maior embarcação a estabelecer um serviço regular; contudo, uns meros três dias antes da partida, um navio irmão – um gémeo ligeiramente mais comedido – privara-o dessa posição, ao dar início à sua viagem inaugural. Burnham sabia que esse gémeo transportava naquele momento um dos seus amigos mais queridos, o pintor Francis Millet, atravessando o mesmo oceano, mas na direção oposta.

Com a última luz do dia a entrar na suíte, ele e Margaret saíram para a sala de jantar de primeira classe, no convés abaixo. Apanharam o elevador para poupar o pé de Burnham ao tormento da grande escadaria, mas foi com relutância da parte dele, já que admirava a mestria do trabalho de ferro forjado das balaustradas e a imensa cúpula de ferro e vidro que inundava o centro do navio com luz natural. O seu pé dorido colocava-lhe cada vez mais entraves à mobilidade. Uma semana antes, vira-se na posição humilhante de ter de atravessar numa cadeira de rodas a Union Station de Washington, a estação que ele projetara.

Os Burnham jantaram sozinhos no salão de primeira classe, após o que regressaram à suíte, onde, sem motivo particular, os pensamentos de Burnham voltaram a Frank Millet. Por impulso, decidiu enviar uma saudação marítima ao amigo, através do poderoso sistema Marconi sem fios do *Olympic*.

Burnham fez sinal a um criado de bordo. Um homem de meia-idade numa imaculada farda branca levou a sua mensagem para a sala Marconi, três conveses acima, ao lado da coberta dos oficiais. Voltou pouco depois, ainda com a mensagem na mão, e informou-o de que o operador se recusara a aceitá-la.

Com dores no pé e irascível, Burnham exigiu ao criado de bordo que regressasse à sala de comunicações e pedisse uma explicação.

Millet nunca estava muito distante dos pensamentos de Burnham e o mesmo acontecia com o evento que os juntara: a grande Feira

Mundial de Chicago, ocorrida em 1893. Millet fora um dos aliados mais próximos de Burnham durante a longa e agri-doce peleja para construir a feira. Com o nome oficial Exposição Universal de Chicago, o seu propósito oficial havia sido comemorar o quarto centenário da descoberta da América por Cristóvão Colombo; porém, sob a direção de Burnham, o principal construtor, tornara-se algo encantador, conhecido por todo o mundo como «a Cidade Branca».

Durara apenas seis meses mas, durante esse tempo, os seus bilheteiros haviam registado vinte e sete milhões e meio de visitas, isto numa altura em que a população total do país era de sessenta e cinco milhões. No melhor dia, a feira atraiu mais de setecentos mil visitantes. Que a feira tivesse ocorrido de todo, todavia, era uma espécie de milagre. Para a construir, Burnham enfrentara uma legião de obstáculos, e qualquer deles poderia – *deveria* – tê-la aniquilado bem antes do Dia da Inauguração. Em conjunto, ele e os seus arquitetos tinham planeado uma cidade de sonho cuja grandiosidade e beleza excedia qualquer coisa que cada um pudesse ter imaginado em separado. Os visitantes apresentavam-se com a melhor roupa e as expressões mais sóbrias que tinham, como se entrassem numa imensa catedral. Alguns choravam perante a sua beleza. Provavam um doce novo chamado *Cracker Jack*\* e um novo pequeno-almoço de flocos de trigo integral, Shredded Wheat. Aldeias inteiras tinham sido importadas do Egipto, da Argélia, do Daomé e de outros locais longínquos, juntamente com os seus habitantes. Só a exposição da «Rua do Cairo» empregava quase duzentos egípcios e continha vinte e cinco edifícios distintos, incluindo um cinema com setecentos e cinquenta lugares sentados, que apresentou ao país uma nova e escandalosa forma de entretenimento. Tudo na feira era exótico e, sobretudo, imenso. A feira ocupava mais de um quilómetro quadrado e meio e preenchia mais de duzentos edifícios. Um único corredor da exposição tinha espaço interior suficiente para que lá coubessem o Capitólio dos EUA, a Grande Pirâmide

---

\* Considerada a primeira *junk food*, e que ainda hoje existe, trata-se de uma mistura de pipocas e amendoins coberta de melaço, comercializada pela primeira vez na Feira de Chicago. O nome provirá de um coloquialismo, «crackerjack!» da altura, que significava algo como «fantástico!». (N. da T.)

de Gizé, a Catedral de Winchester, Madison Square Garden e a Catedral de São Paulo, todos ao mesmo tempo. Uma estrutura, rejeitada no início por ser considerada uma «monstruosidade», tornou-se o emblema da feira, uma máquina tão enorme e aterradora que de imediato eclipsou a torre de Alexandre Eiffel, que tanto magoara o orgulho norte-americano. Nunca antes tantas das luminárias mais brilhantes da História, incluindo Buffalo Bill, Theodore Dreiser, Susan B. Anthony, Jane Addams, Clarence Darrow, George Westinghouse, Thomas Edison, Henry Adams, o arquiduque Francisco Fernando, Nikola Tesla, Ignace Paderewski, Philip Armour, e Marshall Field, se haviam reunido num único lugar em simultâneo. Richard Harding Davis afirmou que a exposição era «o maior acontecimento na história do país desde a Guerra de Secessão».

Não havia dúvidas acerca de algo mágico ter ocorrido nesse verão da Feira Mundial, mas também as trevas tinham tocado a feira. Dezenas de trabalhadores foram feridos ou mortos na construção do sonho, e as suas famílias viram-se votadas à pobreza. Um incêndio ceifara outros quinze e um homicida transformara a cerimónia de encerramento do que deveria ter sido a maior celebração do século num vasto funeral. Algo pior ocorrera ainda, apesar de estas revelações surgirem apenas lentamente. Um assassino movera-se por entre as coisas belas que Burnham criara. Jovens mulheres atraídas a Chicago pela feira e pela perspectiva de viverem pelos seus próprios meios tinham desaparecido, vistas pela última vez na mansão do assassino, que ocupava todo um quarteirão e era uma paródia de tudo aquilo que os arquitetos prezavam. Só depois da exposição é que Burnham e os seus colegas ficaram a par das cartas angustiadas que descreviam filhas que tinham ido para a cidade e deixado de dar notícias. A imprensa especulava que dezenas de visitantes deviam ter desaparecido no edifício. Até os membros endurecidos do Clube Whitechapel da cidade, cujo nome fora escolhido em honra do território londrino de caça de Jack, o *Estrripador*, ficaram estarrecidos com o que os detetives acabaram por encontrar no interior da dita mansão e com o facto de situações tão repulsivas poderem ter demorado tanto tempo a ser descobertas. A explicação racional culpabilizava as forças de mudança que, durante aquele tempo, tinham convulsionado Chicago. Entre tamanho

alvorço, era compreensível que as façanhas de um médico jovem e elegante passassem despercebidas. À medida que o tempo foi passando, contudo, até homens e mulheres ponderados chegaram a pensar nele em termos menos do que racionais. Ele descrevia-se como o Demónio e alegava que a sua forma física havia começado a alterar-se. Começaram também a acontecer suficientes coisas estranhas aos homens que o levaram à justiça para que a sua pretensão parecesse quase plausível.

Para aqueles com um pendor para o sobrenatural, a morte do porta-voz do júri constituía prova que bastasse.

Burnham tinha dores no pé. O convés matraqueava. Qualquer que fosse a posição que se ocupasse no navio, sentia-se a potência das vinte e nove caldeiras do *Olympic* a reverberar pelas tábuas do casco acima. Era a constante que indicava – até nos camarotes de luxo, nos salões de jantar e na sala de fumo, não obstante os esforços opulentos para que estas divisões parecessem ter saído do palácio de Versalhes ou de uma mansão da Inglaterra de Jaime I – que se estava a bordo de um navio propulsionado para as lonjuras mais azuis do oceano.

Burnham e Millet contavam-se entre os poucos criadores da feira ainda vivos. Muitos outros já tinham falecido. Olmsted e Codman. McKim. Hunt. Atwood – misteriosamente. Em breve não restaria nem um deles, e a feira deixaria de existir como memória viva no cérebro de alguém.

Dos homens-chaves, quem sobrava, para além de Millet? Apenas Louis Sullivan: amargurado, perfumado com álcool, ressentido sabia-se lá do quê, mas sem que isso o impedisse de visitar o escritório de Burnham em busca de um empréstimo ou de lhe vender algum quadro ou esboço.

Pelo menos Frank Millet ainda parecia forte, saudável e repleto daquele bom humor terra a terra que tanto animara as noites longas durante a construção da feira.

O criado de bordo regressou. A expressão do seu olhar mudara. Pediu desculpa. Continuava a não poder enviar a mensagem, disse,

mas ao menos já tinha uma justificação. O navio de Millet sofrera um acidente. Na verdade, prosseguiu, o *Olympic* estava naquele momento a acelerar para norte à velocidade máxima para ir em seu auxílio, tendo recebido instruções para acolher e cuidar de passageiros feridos. O criado não sabia mais.

Burnham mexeu a perna, estremeceu, e aguardou por mais notícias. Tinha esperanças de, quando o *Olympic* atingisse por fim o local do acidente, encontrar Millet e ouvi-lo contar alguma história ultrajante acerca da viagem. Na paz do seu camarote, Burnham abriu o diário.

Nessa noite, a memória da feira acometeu-o com uma clareza extraordinária.